



## A DIMENSÃO EVANGELIZADORA DO CURRÍCULO NAS ESCOLAS CONFSSIONAIS

Diogo Marangon Pessotto  
Bacharel e Licenciado em Filosofia  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
[diogopessotto@hotmail.com](mailto:diogopessotto@hotmail.com)

GT 01 – RELIGIÃO E EDUCAÇÃO

**Resumo:** No âmbito educacional, a relação entre educação e evangelização é considerada, por vezes, como contraditória ou até mesmo incompatível. Contudo, o processo educativo tem como finalidade potencializar os sujeitos em suas múltiplas dimensões e, neste caso, o currículo torna-se um dos meios de que se valem as instituições de ensino para desempenhar esta função. Neste sentido, as escolas confessionais, enquanto propagadoras de uma missão evangelizadora, reafirmam a necessidade de desenvolver um projeto educativo que privilegia essa dimensão, por meio do currículo. Este artigo tem como objetivo analisar as possíveis relações entre currículo e evangelização no contexto das instituições confessionais tomando como ponto de partida a análise dos dois conceitos em questão considerando possibilidades para o desenvolvimento de uma educação-evangelizadora. O estudo, exploratório, de abordagem qualitativa, tem como base a pesquisa documental e bibliográfica. Aborda-se o currículo como um sistema articulador de saberes e um espaço de aprendizagem decorrente das opções assumidas pelas instituições e que expressa, também, a orientação das políticas e práticas educativas da escola. Dentre os referenciais para esta conceituação temos Moreira (1993; 2012; 2014) e Silva (2000; 2011). Por conseguinte, o currículo explicita o jeito de educar que, nas escolas católicas, propõe sua ressignificação à luz do Evangelho: daí a possível relação dialética entre currículo e evangelização. Por evangelização entendemos a missão global da Igreja que, fiel ao projeto de Cristo, empenha-se incansavelmente na promoção do Reino de Deus, tornando-se presente entre as pessoas e as culturas de maneira significativa, a fim de promovê-las em dignidade, à luz da fé. Desse modo, os valores do Evangelho passam a permear as culturas e sociedades, na direção de um desenvolvimento humano integral e da promoção do Reino de Deus, como afirmam os Papas Paulo VI e Francisco e o Documento Conclusivo da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, realizada em Aparecida. Sendo assim, a educação-evangelizadora considera o currículo (e a escola) como "lugares" de articulação, adesão e vivência dos valores cristãos de modo a estabelecer uma relação harmônica e efetiva entre fé, cultura e vida. As matrizes curriculares adotadas nas escolas maristas do Brasil, das quais uma finalidade é a de articular educação e evangelização, servem de referencial para a análise. A possibilidade de inculturação do Evangelho possibilita a relação educação/evangelização na medida em que o currículo evangelizador é aquele que estabelece o diálogo entre o Evangelho e a vida no contexto do processo de ensino-aprendizagem e dos valores humanos e cristãos.

**Palavras-chave:** Currículo; Educação; Evangelização.

## **1. Apresentação**

O presente artigo busca analisar as possíveis relações entre currículo e evangelização no contexto das instituições confessionais tomando como ponto de partida a análise dos dois conceitos em questão considerando possibilidades para o desenvolvimento de uma educação-evangelizadora. Tal relação – educação-evangelização – para ser possível, exige um posicionamento conceitual que permita o diálogo entre currículo e Evangelho. Com isso, a escola confessional é espaço privilegiado para esse diálogo, dado que seu projeto educativo funda-se numa visão cristã da realidade. A escola confessional reconhece o processo educacional como tal e a prática curricular para articular suas naturezas evangelizadora e educativa: educa-se pelo Evangelho e evangeliza-se pela educação, preconizando o ser humano, a cultura, os valores humanos e cristãos e a fé em sua relação com a vida.

## **2. Uma concepção de currículo**

Currículo diz de conhecimentos a serem ensinados para potencializar as múltiplas dimensões do sujeito em face de seu desenvolvimento integral. Contudo, há conhecimentos que não são admitidos pelo currículo. Logo, diferentes currículos resultam de diferentes escolhas de conteúdos. Segundo Silva (1999), “a questão central que serve de pano de fundo para qualquer teoria do currículo é a de saber qual conhecimento deve ser ensinado”. Daí o caráter seletivo do currículo: suas opções decorrem de concepções assumidas como critérios de seleção.

O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes selecionados aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo. As teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que ‘esses conhecimentos’ e não ‘aqueles’ devem ser selecionados (SILVA, 1999, p.15).

Conforme Silva (1999), o currículo visa a modificar as pessoas. Para isso, deduz suas escolhas do modelo de pessoa ideal para uma sociedade, pessoa que potencializou certas dimensões. Ora, a concepção basilar do currículo, sua justificativa, é a de ser humano como identidade e subjetividade, aquilo que somos.

De acordo com Silva (1999), o início do século XX é o período das *teorias tradicionais* do currículo. A escola deveria ser uma “empresa”, com objetivos (resultados), método (estratégias) e indicadores (mensuração) para desenvolver as habilidades necessárias de um eficiente profissional. O especialista em currículo

deveria fazer o levantamento dessas habilidades, desenvolver currículos que permitissem que essas habilidades fossem desenvolvidas e, finalmente, planejar e elaborar instrumentos de medição que possibilitassem dizer com precisão se elas foram realmente aprendidas (SILVA, 1999, p. 24).

Tal modelo tecnocrático rechaçou o humanismo medieval e renascentista, pois tinha como inúteis os conhecimentos clássicos para a sociedade capitalista. Com isso, as teorias tradicionais preconizam o ensino, aprendizagem, avaliação, método, eficiência e objetivos. Sua concepção de ser humano é socioeconômica: o profissional que obtém resultados cada vez melhores, pois a sociedade moderna “descobriu” no capitalismo e na técnica os meios para o progresso da humanidade.

Em contraposição às *teorias tradicionais* surgiram as *teorias críticas* do currículo. Moreira e Silva (1999) indicam que, na década de 1970, especialistas em currículo buscavam ressignificar este campo em face dos emergentes problemas sociais e movimentos de contracultura. Todos concordavam que a teoria tradicional não respondia adequadamente àquela situação social.

[...], o grupo concebia reconceituação como o esforço por desvelar a tensão entre natureza e cultura, por descobrir as partes da cultura não guiadas pelas leis da natureza, assim como as partes da natureza que não eram necessariamente obstáculos à ação humana, mas sim produtos do que os homens fizeram e que poderiam, portanto, desfazer (MOREIRA; SILVA, 1999, p. 15).

O conceito de “cultura” é caro para a *teoria crítica*. Para ela, o ser humano tem natureza própria, mas não acabada. É produtor e produto da cultura. Aqui, o currículo é entendido como constituição histórico-social: não é neutro e expressa uma visão de mundo. “O currículo é uma área contestada, é uma arena política” (MOREIRA; SILVA, 1999, p. 21). “É um terreno de produção e criação simbólica, cultural” (MOREIRA; SILVA, 1999, p. 26). O cultural diz dos significados e sentidos constituídos pelo sujeito. Não há cultura homogênea e universal, mas um terreno de luta entre concepções de vida social. Logo, o currículo possibilita novos significados e o sujeito é ativo na vivência do currículo e recriação de si e da cultura.

Segundo Moreira e Silva (1999), também o tema *ideologia* é tratado pela *teoria crítica*, como poder e interesse. Contando com algum consentimento, a ideologia tem mecanismos de transmissão sutis. Desse modo, todo currículo se estrutura por interesses de certos grupos, que se tornam critérios de seleção e transmissão dos conhecimentos para a consecução desses interesses. Igualmente, o *poder* é central na *teoria crítica*, como relação. Nesse sentido, o currículo está imbricado em relações de poder, pois expressa os interesses da classe dominante e reforça a divisão social. Com isso, “que forças fazem com que o currículo oficial seja hegemônico e que forças fazem com que esse currículo aja para [...] prolongar as relações de poder existentes?” (MOREIRA; SILVA, 1999, p. 29). Assumir o caráter político do currículo possibilita a transformação individual e social para relações não dominadoras, mas de recriação contínua dos significados e sentidos pelos sujeitos.

A partir do exposto, assumimos currículo como “um artefato social e cultural” (MOREIRA; SILVA, 1999, p. 7). É um sistema complexo, aberto, dinâmico. Expressa contextos, conhecimentos, valores, aprendizagens, experiências, mediações, identidades, sentidos, significados, certezas, incertezas, críticas. É rede de múltiplas conexões e modificável para potencializar as dimensões do sujeito.

### **3. Uma concepção de evangelização**

Atesta Paulo VI (2011, p. 17): “Nós queremos confirmar, [...], que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja”. O Concílio Vaticano II, em face das transformações dos últimos séculos, buscou uma renovação eclesial e um novo ardor evangelizador para os tempos atuais. Paulo VI e Francisco, pontífices contemporâneos, e a V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe possibilitam-nos a indicação de um conceito de evangelização.

Na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, Paulo VI (2011) afirma que as culturas são inerentes à evangelização. Evangelizam-se as culturas a partir da pessoa, pois não há homem sem cultura e vice-versa. O Evangelho não se identifica com a cultura, mas se atualiza na vida de pessoas inseridas na cultura. Logo, Evangelho e cultura não são incompatíveis. Com isso, afirma que

a ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos

os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas (PAULO VI, 2011, p. 26).

Também o anúncio explícito de Cristo é essencial à evangelização. Não fazê-lo é obscurecer e relativizar a mensagem. O Mistério Pascal de Cristo visa a uma adesão pessoal à proposta de vida cristã pela inserção na Igreja. Logo, a pessoa se torna evangelizadora. Para Paulo VI (2011), evangelização e promoção humana estão ligadas, por três ordens: antropológica (evangeliza-se o homem social e cultural); teológica (vínculo entre o plano da criação e o da redenção); e evangélica (o amor exige a justiça e a paz). Evangelizar, pois, é defender a dignidade humana e promover o bem comum a partir do homem integral e da dimensão da fé.

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Francisco (2013) afirma que o anúncio explícito de Cristo tem a primazia na evangelização. Com isso, todo o povo de Deus evangeliza, mas ele não é massa homogênea: está encarnado nos povos da Terra. Para Francisco (2013, p. 97), “o ser humano está sempre culturalmente situado: natureza e cultura encontram-se intimamente ligadas. A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe”. Nas culturas e povos evangelizados, Deus mostra aspectos da Revelação até então não percebidos. Os valores positivos das culturas enriquecem a pregação e a vivência do Evangelho. Logo, a evangelização sempre se reveste de uma roupagem cultural.

Além disso, para Francisco (2013, p. 145), “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo”. A experiência com o amor divino nos faz reconhecer que deve haver comunhão entre nós. Nesse sentido,

a aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-Lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, buscar e cuidar do bem dos outros (FRANCISCO, 2013, p. 147).

Segundo o Documento Conclusivo da V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe (2007), a experiência com Cristo leva a pessoa a comunicá-la aos outros. Como tarefa essencial da evangelização, inclui a opção pelos pobres, a promoção humana e a libertação cristã. A novidade do anúncio se dá no querigma, que “convida a tomar consciência desse amor vivificador de Deus que nos é oferecido em Cristo morto e ressuscitado” (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2007, p. 161).

Em face do exposto, assumimos a evangelização como a missão da Igreja Povo de Deus que anuncia Jesus Cristo e o Evangelho para a promoção do Reino de Deus entre as pessoas e culturas. Assumindo o amor de Deus pelo mistério de Cristo, o ser humano busca viver em comunhão pelo valores do Evangelho, dinamizados pela ação do Espírito presente em seu íntimo e nas diversas culturas.

#### **4. A dimensão evangelizadora do currículo**

*É possível evangelizar pelo currículo?* Algumas respostas a essa pergunta se dão no espaço da escola confessional, concebida como escola católica, cuja concepção da realidade é cristã e o fundamento é Jesus Cristo. Isso faz dos princípios evangélicos “normas educativas, motivações interiores e [...] metas finais” (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1977, n. 34). Por isso, a escola confessional evangeliza. Sendo o currículo parte de seu projeto educativo, também evangeliza por meio dele. Com isso, a partir dos conceitos apresentados, indicamos algumas respostas à pergunta inicial.

*Inculturação do Evangelho.* Sendo o currículo expressão e produto cultural, e dado que a evangelização supõe a cultura, evangeliza-se pelo currículo por meio dos conhecimentos curriculares que enriquecem a vivência do Evangelho e este, por sua vez, explicita os valores positivos presentes no currículo para a promoção do Reino de Deus. Dado o estatuto de seus componentes, um currículo evangelizador

não transmite a cultura como meio de potência e de domínio, mas como capacidade de comunhão [...]. Não considera o saber como meio de afirmação ou de enriquecimento, mas como dever de serviço e de responsabilidade para com os outros (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 1977, n. 56).

Evangelho e currículo dialogam pelo reconhecimento dos valores evangélicos presentes na cultura e dos elementos culturais identificados com o Evangelho. Se não há “o” modelo cultural cristão, o currículo evangeliza de modo contextualizado.

*Currículo e Promoção Humana.* A concepção de ser humano é inerente ao currículo e à evangelização. Com isso, o currículo evangelizador concebe o ser humano como dom de Deus, conferindo-lhe a primazia na realidade, promovendo-o e desenvolvendo-o. Na escola confessional, “o respeito pelo outro torna-se serviço à pessoa de Cristo; a colaboração nasce sob o signo da fraternidade; o compromisso político em favor da consecução do bem comum é [...] empenho pela construção do reino de Deus” (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA,

1977, n. 60). Logo, evangeliza-se pelo currículo quando o ser humano está no centro da prática curricular.

Expressão de currículo evangelizador são as *Matrizes Curriculares do Brasil Marista*, que orientam os currículos das Escolas Maristas do Brasil. Essas *Matrizes* “têm como propósito educar o olhar, a mente e o coração das crianças, jovens e adultos, para gerar vida e vida em plenitude, segundo o projeto de Cristo” (UMBRASIL, 2014, p. 21). Educar o olhar é a atividade do sujeito que contrasta a realidade com a mensagem cristã e constitui para si um horizonte de sentido. Logo, as escolhas curriculares articulam o Evangelho com os conhecimentos, competências e saberes escolares. Busca-se uma relação entre fé e vida, que contempla a transcendência e a intervenção do sujeito na realidade. Ora, articular o Evangelho com o currículo, na Escola Marista, indica que a vida é indissociável da evangelização. Sendo assim,

A educação, de acordo com a visão de Marcelino Champagnat, [...] é um meio poderoso de formação e transformação das mentes e dos corações das crianças e dos jovens. Nessa perspectiva, a proposta educativa e a proposta de evangelização identificam-se, inter-relacionam-se, não são antagônicas (UMBRASIL, 2010, p. 52).

O currículo evangelizador marista baseia-se numa proposta de educação-evangelização, de formação cristã e cidadã. Por isso, “não é qualquer conhecimento, qualquer metodologia, nem qualquer valor que respondem aos desafios de evangelizar pelo currículo” (UMBRASIL, 2014, p. 22).

## **5. Considerações Finais**

O percurso deste trabalho permite-nos concluir que é possível evangelizar pelo currículo. Núcleo desse processo é o binômio Evangelho-cultura. Por um lado, o Evangelho, cujo centro é Jesus Cristo, não está à parte da cultura e não é incompatível com ela. Com isso, ao falarmos de evangelização, dizemos da evangelização das pessoas e das culturas, pois não se entende o ser humano sem a cultura. Por outro lado, o currículo é produção cultural. Não é uma mera lista de conteúdos que não fazem referência à vida. Como artefato cultural, o currículo diz de uma concepção de ser humano, que o fundamenta. Nesse sentido, é possível a evangelização pelo currículo porque o Evangelho não está dissociado do humano,

da cultura, dos valores, da vida. Portanto, por meio do currículo, o Evangelho pode enriquecer e iluminar a cultura a partir de dentro e, por sua vez, a cultura explicita os elementos e os valores nela presentes que se identificam com a mensagem de Jesus Cristo. Na escola confessional, essa relação fundamenta o projeto educativo de modo a torná-lo meio efetivo de evangelização e experiência com Jesus Cristo.

## **Referências**

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Paulinas; Brasília: CNBB, 2007.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 3. ed. Trad. Maria Aparecida Baptista. São Paulo: Cortez, 1999.

PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi**. 22. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **A escola católica**. Roma: Tipografia Poliglotta Vaticana, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Projeto Educativo do Brasil Marista: nosso jeito de conceber a educação básica**. Brasília: UMBRASIL, 2010.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL. **Tessituras do Currículo Marista: Matrizes Curriculares da Educação Básica – Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: UMBRASIL, 2014.